

FANTOCHES

BASTIDORES DA POLITICA E DOS NEGOCIOS

DIRECTOR E EDITOR

ROCHA MARTINS

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO, Rua do Alecrim, 65 — LISBOA — Telefone 2440 — C.

Carta á Sombra de Machado Santos

Uma madrugada ruidosa — Noticias para sob os ciprestes — Recordações de ha 13 anos — A Inglaterra protectora — Os amores do destino

Minha querida sombra amiga: Escrevo-te ás 6 horas da manhã, em 6.ª feira, 13.º aniversario da republica que fundáste. Acordei ao som dos morteiros e dos foguetes, atirados aqui e além, indicando a alegria dum mercieiro que vende hoje a 6\$000 réis o bacalhau prometido a pataco ou dum *patriota* de pataco valorizado em 6\$000 réis. A manhã está fria e negra, eles prestaram o seu concurso estrondoso e civico e foram aquêr-se nas tabernorias que começam a abrir. E' o culto duma pagina da historia besuntada da bagaceira; é a alegria pela morte dum regimen de oito seculos afogada na ginginha o que assim celebram não os republicanos mas a massa aderente ás boas situações e que as defende, fingindo ser os seus fins altos principios.

A tua mulher e o teu filho, bem como teu irmão, a esposa e o filhinho do Carlos da Maia devem ter escutado, como eu, essas explosões ebri-festivas duma turba que nunca te amou. Tu eras o doido heroi dragonado, vestindo-se para a rebeldia como para uma boda, o crente que ficava na barricada enquanto os chefes fugiam; tu eras o idealista duma conciliação da familia portuguesa, como se cevados pudessem deixar de grunhir diante das pias ou dos chiqueiros. Eles nunca te perdoaram, meu amigo, e por isso, no dia de hoje, quando lançam ao ar os seus foguetes e acendem os seus inofensivos morteiros, é como se festejassem a tua morte, o teu assassinio, o teu desaparecimento. Saudam-se a si proprios. São eles os verdadeiros fundadores desta republica.

Vem clariando a manhã, os espiritos vão-se entenebrecendo nas locandas; brilham olhos sinistros, ainda um ou outro cão, atordoado com o ruido, ladra a distancia e os galos esgarganteiam-se para as primeiras nêsgas de luz.

Chegou anteontem a Lisboa o novo presidente; chama-se M. Teixeira Gomes em literatura, a unica feição por que o posso apreciar a estas horas. Escreveu as *Cartas sem moral nenhuma*, fez um *Inventario de Junho*, como se fosse um orçamento, e achou um *Agosto azul* numa epoca em que não o chamavam suas tendencias para outras côres. Eu já o conhecia, da porta do Martinho, no tempo em que Fialho zargunchava as suas setas nos recém-aparecidos, a cuja fileira êle pertencia e pelo côrte de seus fatos, de sua prosa e sua barba achei-o sempre posticho. Isto é o literato. Do chefe do Estado sei que veio a bordo dum navio inglês e isso recordou-me um regresso do rajah de Karputala a seus reinos, ha tempos estampada numa revista inglesa. As mesmas fardas vermelhas, os mesmos marinheiros — os que numa pagina de prosa — achou de «olhos ingenuos», os mesmos officiaes coloniais de branco, e até, á excepção das boinas, o mesmo povoleu descalço e iletrado.

Aqui tens como se inaugura o 14.º ano da boa republica, nesta madrugada em que êle, Teixeira Gomes, escritor, editado pela Livraria Classica, dos Restauradores, acorda na cama do rei, no paço de Belem, a qual foi mandada vir de Cintra pelos cuidados do teu antigo secretario de redacção que está reinstalado no seu lugar.

A camita de estudante, onde dormia o Sidonio, essa foi entregue a algum criado para suas séstas. Como vês, a republica civilisa-se em indumentaria, já dorme nos leitos reais, como a Dubarry e a Madre Paula. Dá-me a impressão duma mulatinha casada com um *Sir* improvisado, muito patrocinada pela familia adoptiva do noivo. Aquela carinha de portuguesa que desejavas para a tua filha abaçanou-se. Está muito colonial; adiantada, com mais desenvoltura, deveras metida com gente da alta banca, toda desdenhosa dos pobres, com um certo orgulho de viver sob a protecção dos ingleses. O que resalta agora mais em seu pavilhão não é o verde, a que chamavas a côr da Ala dos Namorados, é o vermelho das veias abertas e da bandeira britanica. E' Lisboa, a sua capital, a cidade mais femeal do orbe. Véte o seu sangue mensalmente e quando assim não sucede hysterisa-se ou engravida de algum grande homem. Geralmente saem fetos, mas mesmo nos seus frascos de alcool são rotulados de portentos.

Quando destes os tiros a valer, que os empresarios de hoje soltam em polvora sêca, ha 13 anos, mal julgavas que balas de republicanos te fusilariam, onze anos e alguns dias depois de tê-lo feito; mal pensarias que terias como companheiro nessa jornada para o infinito a Carlos da Maia, de alma generosa; o Granjo, de altiva intrepidês, e que uma malta ignobil, feroz, ignorante, sem idéas e sem coragem, fosse a executora da vontade dos que mandam na tua obra nefasta, no feito do teu gesto infeliz.

No parlamento ha para 66 antigos republicanos, e alguns duvidosos, 91 ex-monarquicos e 52 recém-vindos, isto é, os que só agora se decidiram a aderir, mas com tanta força que acabarão como o macaco que, á força de abraçar o seu indez, o estrangulou. Ora, meu pobre Machado Santos, tu eras para esta gente toda e para as suas clientelas uma sombra negra, eras o espectro duma Idéa pairando diante dos olhos abertos apenas para as coisas materiais. Aparecias-lhes como um alucinado e como um justiceiro. Participavas do ar do rémorso e do empata; eras trágico e calixto, eras terrível e massador para êles. Então concebe-se que um antigo sacristão odeie Deus e que um galopim de José Luciano delire

pela republica? Pensa-se, acaso, ser possível que um irmão do Senhor dos Passos se roje na maçonaria e que um socio do centro franquista pertença ao club dos 13? Pois foi o que succedeu, amigo, e o Marques das Barbas é o simbolo de tudo isto na rua, como o Catanho de Menezes e os restantes 91 ex-monarquicos o são no parlamento.

Foram êles os que te mataram, êles e os recém-vindos, estes e alguns dos velhos republicanos. Os primeiros não te podiam vêr, porque, no fundo, êles queriam esquecer o passado e tu recordavas-lho; quando passavas nas ruas lembravam sempre a manhã, de ha anos, quando batiam o queixo de terror e tremiam pelos seus lugares de amanuenses. Difamavam-te, apontavam-te como seu inimigo e, por consequencia, da republica que crearas é onde eles mandavam. Os recém-vindos queriam abrir caminho no seio dos partidos que não diferem uns dos outros, senão nos graus de maldade, e tu aparecias, de quando em quando, com revoltas e com idéas de moralidade. Foram êles os cúmplices dos outros. Associaram-se alguns dos republicanos que te odiavam por teres — tu, pobre official de fazenda — ocupado o lugar que sonhavam para si. O *Dente de Ouro* que te assassinou é a dentadura do negocio, a boca de voragem da sua republica que te mordeu e te triturou. Acabaste numa noite negra como os seus pensamentos e numa cilada que ressuma de todos os seus actos. Começaram por te gatunar o prestigio e terminaram roubando-te a existencia. Fingiram adorar-te enquanto tinhas a espada na mão e apedrejaram-te quando te viram apenas com essa varinha de marmeleiro que descascavas, melancolicamente, em Fontelo e que está no retrato dessa epoca, — pousado diante de mim neste momento — como um traço claro sobre o teu uniforme de gala. Era a vara da lei alta; êles quebraram-na nas tuas mãos. Em nenhum outro português achavam qualidades para se tornar num Arabi Pachá, se acaso pensassem em se rojar mais aos pés da Inglaterra, em casarem a republica com um *sir*, como outrora com o Adriatico o doge, se desposava lançando o seu anel à onda tão perfida como, segundo diziam os republicanos, o é a Albion.

O que tinhamos prognosticado na mesa da *Chave de Ouro*, naquele dia, após Monsanto, em que me acompanhaste, julgando defender-me, tu que êles espreitavam já, e, como bem to dizia, succedeu. A republica — minha poeira de sonhador — dorme nos cofres fortes, ora pernoita no da Moagem, sob o olhar doce do senhor Monteiro Guimarães, ora nos dos monopolistas e açambarcadores sob o patrocínio do senhor Correia Barreto. E' apenas uma caricia impotente o que lhe faz, mas succede o que geralmente é da praxe com generais casados com mulheres novas, o convívio duma teoria de ajudantes.

O estado pasce-se dumas alcavalas, a ruina avisinha-se. Todos os que apanharam aquele oiro que desejavas canalisar para Portugal, puseram-no na Inglaterra, a que pretende, neste mesmo momento, uma conversa demorada entre o Smuts, o das ambições sobre Moçambique, Norton de Matos, que ela indica, — porque já é esta quem manda — para ministro em Londres, a fim de possuir á mão um outro *sir* em cujas veias ha sangue de sua raça e Vitor Hugo de Azevedo Coutinho, recentemente nomeado alto commissario das terras cobiçadas.

Depois desta combinação irá Afonso Costa a Londres colher o emprestimo, naturalmente nascido desta conferencia de *lords* e *sirs* com idéas de não voltar, porque êle, meu desventurado Machado Santos, lala deste modo aos amigos e os jornais reproduzem-lhe os receios: «*Já sei*

que se tiver de morrer assassinado, morrerei ás mãos dos republicanos. Uma vez, no Porto, foram dois monarchicos que me salvaram a vida.»

Ignora que um monarchico com um republicano — amigo, lembras-te? já lha tinham salvo anteriormente. Se então se tivesse cumprido a vontade dum jacobino, a historia de Portugal teria de menos nas suas paginas o 14 de Maio, a ida dos portuguezes para a guerra na Europa, Sidonio, a revolução monarchica, o 19 de outubro, a ditadura financeira, a plutocracia dominante, e tu estarias vivo. E's muito generoso, vejo que te não arrependes do belo acto e eu tambem não.

O destino dos homens é a vontade de Deus. Se Robespierre morreu na guilhotina, Cromwel finou-se de doença no palacio de Westminster numa cama de rei, de Carlos I assassinado num cadafalso, exactamente como em Belem o novo presidente repousa num leito doutro rei, doutro Carlos I, chacinado na praça publica.

O destino... mas esta vai já longa. O sol rompeu; os estampidos calaram-se. Passa um bebado a cantar, cá em baixo, um fado remoldo. Adeus.

P. S. — Ah! é verdade, o destino deu a Gran Cruz de Torre e Espada ao Antonio Maria da Silva; tu nunca a tiveste. E' que êle é mais amigo dos espertos que dos herois e Antonio Maria foi o habil enquanto eras o paladino. Fugiu no 19 de outubro, enquanto tu ficavas á espera da morte. Daí a gran cruz e a gran via... por onde se encaminha.

O Frontão do Quadrienio

Pensamentos do novo chefe de estado — Suas opiniões sobre o que não se fará — As ideias de um radical — Dilema torturante — A Farra e a verdade

O novo chefe do estado dirigiu-se, pela primeira vez, ao país por um intermedio de três jornais: o *Diario de Lisboa*, o *Seculo* e o *Mundo* e seus dizeres são tanto de guardar quanto é certo, que, profundamente meditados — pelo menos desde a sua eleição à posse — devem representar um sentimento firme como essencia numa forma perfeita de literato amigo das largas citações da imprensa.

Ao primeiro daqueles colegas declarou apenas cousas vagas. Acabara de chegar, vinha ainda de chapéu mole, um pouco enjoado da viagem, entontecido pela travessia na galeota dos reis na qual se julgara vítima de uma fantasia de bom algarvio sonhador. No Arsenal um popular disparara-lhe não as armas que lord Curzon — pouco diplomáticamente — imaginou nas mãos, de todos os portuguezes, as que fazem correr riscos pessoais, mas outra peor para um escriptor: um soneto mal feito, ou algumas coxas quadradas nas quais se pedia um programa velho: o de José Elias. Julgou, o senhor presidente, ter-se manifestado a nação e logo exprimiu, nestes termos, o seu pensamento destinado ao brilhante jornal da noite:

«A minha gratidão consiste, sobretudo, em pensar que, embora me tivesse sempre oposto a que propuzessem a minha candidatura à Presidencia da Republica, por estar convencido de que me faltavam qualidades indispensaveis para exercer duma forma satisfatoria tão alto cargo, não faltasse quem, confiando bastante no meu amor ao País e à Republica, tivesse a certeza de que, depois de eleito, eu me não furtaria a cumprir as minhas obrigações, aceitando-as com toda a isenção e boa vontade, nem fugiria ás minhas responsabilidades.

Estou infinitamente grato á forma carinhosa como o povo de Lisboa me recebeu — o que só vem confirmar a opinião que tinha ha muito tempo ácerca das suas convicções RADICALMENTE REPUBLICANAS.

As manifestações de que fui alvo representam o aplauso dos cidadãos à escolha do meu nome livremente feita pelo Congresso da Republica.»

A primeira parte cifra-se na modestia das pessoas bem educadas, a segunda, a relativa ás convicções *radicalmente* republicanas, considera-o uma visão rapida, apanhada num instante, por quem desconhece a politica e o país e que, num momento, pretende engendrar uma formula, um sistema.

Consoladamente, o novo chefe do estado, viu esse radicalismo no soneto saldo da *Montanha*; imaginou o povo a aclamá-lo e, com a miragem de todos os seus comprovincianos, dos quais eu tambem tenho meia dose de globulos no sangue, apenas meia dose, capitulou de multidão aquilo que um jornal assim descreve:

«A indiferença do povo nesta cerimonia foi glacial, tam glacial que durante o trajecto para Belem os vivas tiritaram de frio, arrefeceram literalmente e gelaram. Foi nesta atmosfera de carapinhada que o sr. Teixeira Gomes chegou a Belem.»

Ora este periodico é o unico que pertence ao povo, é o alimentado pela massa trabalhadora por aquela a que o recém-chegado politico se refere chamando-lhe: «a vontade colectiva».

Para não deixar duvidas nos espiritos, a *Batalha* — o orgão do proletariado — acrescenta:

«O entusiasmo popular não brilhou pela presença. Não houve, na realidade, entusiasmo, mas na realidade tambem não houve povo. A chegada do novo presidente não foi um acto popular, foi um acto official.»

É esta a verdade. Debalde procurei o povo nas ruas do percurso e até mesmo na saída do Arsenal, quando quis assistir ao revelar das chapas fotograficas tiradas para o *A B C*.

Declarou-se, porem, haver povo e com suas opiniões radicaes, nesse nucleo formado por amanuenses, policias à paisana e um ou outro arsenalista curioso.

Mas, enfim, supunhamos que era assim e vejamos o que deseja a opinião radical. É um ex-official do exercito e jornalista, pertencente ao radicalismo e categorizado membro daquele partido, quem expõe à *Epoca* os desejos da sua facção politica «na qual ingressou a maioria dos democraticos» «hoje os peores inimigos do senhor doutor Afonso Costa», e que tem consigo a marinha, à excepção dos altos comandos, e os sargentos do exercito. A dar-se toda a significação ao que a entrevista contém, fixar-se-à o seguinte programa que talvez abata um pouco o consolo presidencial ante «as convicções radicalmente republicanas do povo».

«Acaba-se com a casta militar» e reduz-se o funcionalismo; faz-se o banimento das mulheres das repartições»; cria-se um Banco Emissor; põe-se a Manutenção Militar em concorrência com a Moagem; declara-se guerra tenaz aos açambarcadores, e os banqueiros são «postos a ferros e julgados como traidores à patria e à republica». Enquanto ao que affica não se pronunciou ainda o chefe do estado, positivamente».

O frio *gentleman* de Londres, o elegante de Picadilly perdeu um pouco o aprumo e a estetica, até na prosa, ao pronunciar-se, antes de ler a entrevista da *Epoca*. Dá a impressão que ficou só o algarvio com seus exageros e paixões. Foi como um regresso ao passado, esse mergu-

lho na nacionalidade. *Gratez le russe et reviendra le cossaque.* No caso português basta arranhar um pouco o republicano para surgir o jacobino.

As palavras do presidente ao *Seculo* são bem radicaes, trovejam a ameaça, com um povo ausente para o aplaudir, é certo, mas exprimem a intimidação:

«E essa vontade colectiva renovar-se-à, mais imperativa e forte do que nunca, se aqueles que pretendem guiar o povo o não fizerem com lealdade, isenção e patriotismo.»

Se essa crise, se esse divorcio, entre dirigentes e dirigidos, se tornar irremediavel, então o povo português erguerá a sua voz, como o fez em 5 de Outubro, e AI DAQUELES QUE O TENHAM TRAIIDO».

Não contem só figuras de retorica esses periodos.

Para o comprovar está a anciedade radical. E ela considera já «traidores à patria e à republica, os banqueiros, apesar deles terem dado feriado de quatro dias aos seus empregados e arvorado nas fachadas dos seus edificios as bandeiras do regimen.

Nas suas carnes os ferros deixarão seus sinais como em corpos de forçados. Em relação ao actual presidente do conselho parece que o não consideraram tambem isento de castigos.

— Que sorte espera o sr. Antonio Maria da Silva? interrogou o jornalista e o vulto radical volveu com um sorriso que o periodista não soube decifrar:

— O que ele fez sofrer aos nossos . . .

Uma das grandes bases politicas do senhor Teixeira Gomes, é o Parlamento. Traz aquella ideia de Londres onde existe uma consciencia popular, uma materia prima de cidadãos e expô-la ao *Mundo* no seu tom arcaico, pouco em harmonia com seu feitio modernista: «custou rios de sangue» «povo mais cioso da liberdade» «o patriotismo dos republicanos». Tudo isto s. ex.^a escreveu para afirmar que:

«São as instituições parlamentares a forma mais perfeita e directa para as democracias manifestarem as suas vontades e intervirem na administração do estado.»

O sentir do radical entrevistado, é diverso, ao referir-se ao parlamento:

«— Imediatamente dissolvido. Novas eleições liberrimas e os eleitos trabalharão durante quatro mesês, sem prorogações de nenhuma espécie, recebendo subsidio sómente pelo tempo em que trabalharem.»

Já não se conciliam muito bem as duas opiniões, sobretudo se analisarmos a segunda parte da nota do chefe do estado para o *Mundo*.

«O desinteresse, a indiferença pelos negocios publicos, que se traduz especialmente na falta de concorrência ás urnas durante os actos eleitorais, podem abalar e mesmo arruinar temporariamente essas instituições, mas eu fio do patriotismo dos republicanos que tal nunca sucederá no nosso país.»

Um quere a dissolução condenando o parlamento como uma impostura e para que o não seja exige eleições liberrimas; o outro acha «desinteresse e indiferença pelos negocios publicos» e «falta de concor-

rencia ás urnas.» Não se conjuga nada a ideia dum parlamento para o qual não concorrerem os eleitores.

Nesta altura já o senhor M. Teixeira Gomes, deve começar a pensar nos inconvenientes do radicalismo tão recomendáveis a seus olhos na prosa dirigida ao *Diario de Lisboa*, na inutilidade do parlamentarismo, tal como está, e tão conforme com seu sistema nas linhas dirigidas ao *Mundo* e até no povo a erguer-se «e ai daqueles que o tenham traído», conforme escreveu no *Seculo*.

E isto será tanto mais assim quanto é certo que a figura radical entrevistada pela *Epoca*, jornalista e ex-official do exercito, declaradamente, não hesita em aplicar uma terrível sentença ao ser interrogado ácerca do futuro do sr. dr. Afonso Costa, a quem se deve a eleição presidencial:

SERÁ JULGADO, COMO UM CRIMINOSO COMUM E PEDIDA A SUA EXTRADIÇÃO, SE ELE ESTIVER EM PAIZ EXTRANGEIRO.»

E' de fazer frio esta decisão. Perante ella uma grande balburdia deve ter-se produzido no espirito do presidente que decerto já lamentou suas declarações aos jornais. E' que M. Teixeira Gomes escritor, autor das *Cartas sem moral nenhuma* e doutras obras, tem uma liberdade que termina á entrada do palacio de Belem: á porta da desilusão. Confio, porém, num antigo pensamento do homem de letras a cobrir as frases do presidente da republica e que vem no *Agosto Azul*, a pag. XXVII:

«Mas a nudez da alma repugna-me — repugna-me porque é sempre incompleta e falsa — e aí estou eu à busca de folhas de videira para me cobrir.»

Ter nua a alma é dizer o que se pensa, encapá-la de parras é disfarçar a verdade e daí o sentir que, atirados ao publico, — através de trez lidos jornais — os primeiros pensamentos do VII presidente da republica eles significam apenas o contrario do que disse, segundo o exprime naquella imagem e naquelle attributo bem cabidos no frontão do novo quadrienio.

A greve da Fome

No aniversario do 5 de outubro — As acusações ante um logro — A obra republicana — Uma revelação tardia — Os simbolos do regimen

Quando por esses Estoris fóra, seus suburbios e além visinhanças, os morteiros e os foguetes, deitados pelos que do regimen comem, marcavam o inicio das festas da republica, iniciavam, tambem, em S. Julião da Barra, a sua fome, aqueles que o regimen defendem: os presos por questões sociais.

Foi, pois, entre a carencia da liberdade e do pão, dentro duma masmorra, e de estomagos vasio, que os operarios, sem culpa formada, e ha trez mezes encerrados num carcere, festejaram o aniversario do que fizeram.

Todos estes homens — eles o dizem num manifesto que se distribuiu e o correio me trouxe — declaram ser mentirosas «*as sedutoras arias da democracia e do governo do povo pelo povo*» com que os «*arrastaram á Rotunda, onde, com sacrificio do nosso sangue, implantamos a republica.*»

No mesmo tom afirmam:

«*Mentiram quando, com falsas promessas de liberdade, em 1919, regamos com o nosso sangue, numa escalada heroica, as escarpas do Monsanto, e realisamos a jornada ao Norte, onde arrancam, quasi moribunda, a Re... publica ás mãos da monarchia.*»

Não ha duvida; esses operarios e outros fizeram este regimen e estas defesas, esperando sempre o cumprimento duma frase, varias vezes pronunciada nos comicios: «*depois iriam mais além*». Isto é: primeiro a republica, depois a anarchia tornada regimen. Nem um só dos propagandistas deixou de lhes lançar a idéa dum governo dos pobres e até o proprio senhor Bernardino Machado, tão rico, chegou a apresentar a forma do proletario não depender do senhor.

Aquilo, porém, eram formulas, coisas de queimar entusiasmos como foguetes, mas a sua impressão na alma popular foi tão grande que só agora — ao cabo de 13 anos — estes combatentes dão pelo lôgro e veem exclamar, como se as trevas dos calabouços lhes acalmassem os deslumbamentos:

— Mentiram.

O que os operarios tardiamente descobriram nessa reflexão forçada de trez mezes de carcere, sem lei e sem juizes, penetrara-o já o resto do

país, mesmo á solta, desde que viu os senhores que hontem andavam a pé, repotreados em automoveis, os pelintras tornados ricos, os berradores calados.

Em nome da republica enriqueceram e cada vez que uma frase mais alta contra as delapidações sôa, que um protesto contra os negocios surge, que uma palavra de desconfiança se alteia, os donos do estado amordaçam e prendem, porque querem o silencio em torno das suas digesões.

Eles condenavam o luxo da realeza, os tresentos contos da lista civil e decretaram para o chefe do seu estado, eleito apenas por um partido — o dos escandalos, — quantia que a sobrepassa, visto ser feito pela nação, o pagamento de toda a pompa de hoje, a que as Magestades su-priam, outrora, com seus honorarios. Mentiram.

Eles clamavam contra os moageiros, que tornavam cara a farinha e geravam a fome de um povo que comia a pataco o pão o qual hoje custa um quartinho; diziam que o pão seria quasi de graça, como as batatas, como todos os generos; e o bacalhau — esse fiel amigo — não passaria de pataco o quilo! E os açambarcadores tripudiam, e os padeiros enriquecem e fazem-se monopolios de tudo e o bacalhau está a mais de pataco o grama. Mentiram.

Eles prometeram uma epoca de moralidade e de justiça sem par; com o valor premiado, o orçamento em equilibrio, os funcionarios indispensaveis, a diplomacia reduzida, a administração purificada, os deputados eleitos pela consciencia da nação, e, sobretudo, a punição e castigo dos culpados, a lei alcançando todos os cidadãos numa egualdade de rasoura.

E os altos senhores da republica roubam, *legalmente*, as mulheres dos lares, os homens de talento são escorraçados para governarem os imbecis e os cretinos dos partidos, o orçamento é um cahos, ha milhares de empregados publicos a mais, no estrangeiro a representação deste país mendigo é luxuosissima, os crimes da administração vão desde os incendios, com que se queimam provas de falcatruas, até aos roubos que ninguem pune. Mentiram.

Num quadro rapido é esta a situação nacional que, de resto, só não veem os alucinados ou os cumplices. O proletariado português cada vez que sentia aumentar o custo da vida e tornado grão senhor o pedinte de hontem, não compreendia que lhe tinham mentido? Então foi necessario a treva do carcere para, paradoxalmente, lhe chegar a luz reveladora?

Quando pegava em armas para os defender com esse sistema a que chamam, abertamente, a republica acreditava-os ainda? Julgava que falavam verdade e que tudo quanto eles faziam de mau eram culpas do regimen caído, porque quiz, porque deu liberdades e não comprou os berradores? Imaginava tudo isto? Mas onde estão os seus chefes que não lho disseram logo, após o assalto á Casa Sindical?

Sim, como, depois disto, ainda os acreditaram, é caso de pasmar e ao ver-mol-os no fundo das suas prisões votados á fome, numa grêve inutil, começamos a considerar como ingenuos esses a que o governo capitula de revolucionarios terriveis. Oh! os revolucionarios não se lançam na recusa dumas marmitas de rancho. Devoram-nas para arranjar forças, e quando gritam que os cumplices lhes mentiram, é porque teem a certeza de os punir. Finalmente, o que eles representam, no seu carcere e com a sua falta de alimento, é o simbolo de tudo isto: a fome, a cadeia, a crença estúpida num eterno ludibrio.

Comentarios dos comentarios

O respigamento das notas mais escondidas da imprensa constitue, por vezes, a propria definição dos acontecimentos. Foi assim que encontrei no *Seculo*, em 1910, o nome do barbeiro que emprestara umas calças a certo official para fugir da Rotunda. Perdia-se, entre as *Varias Noticias*, e não sei como lá foi parar, o nome do individuo que podia atestar a sua presença no logar historico com um documento singular: as calças alheias.

Aqui deixo aos leitores algumas das notasitas de alguns jornaes de Lisboa acerca do que se passou nas festas do 13.º anniversario da proclamação do novo regimen, as quaes podem servir para aquele fim:

Do *Diario de Noticias*: — *A iluminação dos ministerios era muito frouxa e a dos candeeiros do Terreiro do Paço havia sido reduzida!*

E' que não estavam os ministros em suas secretarias.

Do mesmo jornal noticiando a visita da A. T. I. ao novo presidente:

Despedindo-se, reafirmou os seus desejos de manter uma intensa e leal cooperação com a imprensa, certo de que ela lhe não será negada, evitando-se assim lutas estereis que só podem conduzir ao aflorar de tendencias de que só prejuizos resultam.

A direcção da Associação dos Trabalhadores da Imprensa, que foi apresentada pelo sr. governador civil de Lisboa agradeceu, manifestando a s. ex.^a o seu pleno acordo com os pontos de vista apresentados, comprometendo-se a dar a sua leal colaboração a bem do país.

Bem fiz em me demitir de socio desta agremiação que vae a Belem, de autoridade ao lado, como se fôsse presa e que compreende cousas inacessiveis á minha razão como estas «do esfacelamento e do aflorar de tendencias de que só prejuizos resultam». E o caso é que estão de pleno acordo, os camaradas trabalhadores. Grandes bestuntos!

Do *Diario de Lisboa*: — *Descrevendo a cerimonia no Municipio.*

Depois, foi uma especie de cortejo pela escada acima, o estandarte camarario a abrir caminho; os bombeiros postos em sentido; lá

no alto, no primeiro patamar, uma figura de mulher, cravada em relevo na parede, a decorar a entrada e a ser para os visitantes uma indicação de boas vindas. A figura tem um livro aberto no regaço e parece estar dando a primeira lição da cartilha a um menino nú cujo descaro logo no-lo denuncia como descendente directo do mariola do frontão.

Era uma alegoria, esta creança sem moral nenhuma.

Do mesmo jornal. (Trechos do discurso presidencial no Município).

«Lisboa é sem duvida alguma o cerebro do país»

«Onde se batalhou pela implantação da republica»

«Mas não pode haver uma alma sã num corpo doente, e Lisboa é uma cidade doente; porque lhe falta muito do que a sua imaginação exige».

Tradução: O cerebro de uma grande porca. Não pode haver maior franqueza na casa para onde se é convidado.

Do mesmo jornal descrevendo do juramento nas ruas e na sala do Congresso.

Não teve ela uma grandesa excepcional, a imponencia resultante da aglomeração de muitos milhares de pessoas. Sejamos verdadeiros na nossa função de reporter.

As fotografias nem reproduzem centenas.

Cá por baixo, pelo hemicycle, o espectáculo é outro. Os congressistas, qual bando de gaiatos de liceu surpreendidos pelo professor em folga ilícita, fogem amedrontados do cornetim denunciador da presença do sr. Teixeira Gomes, correndo a ocupar os seus logares. Mas — oh! desilusão! — não chegam, se chegarem, a uma centena. A posse do chefe do Estado, o facto de maior relevo no ceremonial de uma republica democratica, não teve o poder preciso para convencer a maioria dos nossos representantes, a suspender a furia higienica de descascar no fisico, as muitas e variadas imundicies que na vida citadina colheram.

Foram estes, os gaiatos, que elegeram e festejaram, ao que se vê. O resto, os imundos, são a opposição.

Eis a sintese da representação nacional!

Do mesmo jornal reportando a recita de gala:

A recita de gala, conforme o que resava o bilhete de entrada, realizada ontem no velho teatro S. Carlos, em comemoração do advento da Republica, foi uma daquelas estupendas manifestações de mau gosto civico do pessoal do regimen que devem ter deixado suficientemente edificado o requintado e elegante espirito do novo Chefe de Estado, á cerca da mentalidade coletiva em que s. ex.^a, durante estes quatro anos, terá de se integrar, adaptando-se aos seus gostos, ás suas afitudes, á sua pomposa pelintrice de ideias e de maneiras.

Mas organizar um espectáculo daquela natureza, para festejar o decimo terceiro aniversario da Republica?!...

Quando o cantor Sales Ribeiro vocalisava uma canção portuguesa, da «Leiteira de Entre Arroios», os córos nos bastidores levantaram na plateia um sussurro de hilaridade.

Foi a unica nota festiva.

Não felicitamos o sr. governador civil por esta sua ultima demonstração de amor á Republica...

Esta recita foi organizada pela A. T. I. cujas iniciaes só agora compreendemos em seu conjunto: A. T. I. É uma dedicatória ao senhor governador civil seu colaborador e seu apresentante em Belem. Em nome da A. T. I. falou em S. Carlos não um jornalista mas o sr. ministro da instrução que é estudante. A. T. I. É uma dedicatória ao fiasco e á policia.

*

Como se sabe, os Bancos fecharam durante quatro dias paralisando a vida comercial do «cerebro da grande porca».

O Correio da Manhã comenta:

É sabido que todas as siluações tristes teem a sua nota comica. No caso de que tratamos, a nota comica não é dada apenas pelos considerandos do decreto acima transcrito. É o tambem por certos jornaes republicanos, que celebram a encerramento dos estabelectmentos bancarios como um acto de . . . adesão em massa ao regimen!

E porque um dos Bancos de Lisboa não esteve de acordo em recorrer ao mesmo expediente de que os outros se viram obrigados a lançar mão para passar estes cinco dias com os «guichets» fechados, accusam-no de . . . hostilisar a Republica! Será isto inconsciencia? Será comedia?

A republica sempre sonhou com a adesão em massa. Agora está mais contente porque obteve a das massas.

*

Dos jornaes.

Pela secretaria geral de presidencia da republica foi comunicado aos reporters, que recebem as informações no palacio deverem apresentar-se ali sempre de frack.

E os ministros?

Do *Diario de Lisboa*, relatando os festejos no Centro Almirante Reis:

O sr. dr. Queiroz Vaz Guedes falou a seguir. Referiu-se ás acuações feitas nos cemiterios, por alguns republicanos, sobretudo á de que os ministros não eram conhecidos.

—Ha oito meses, quando eu aqui vim, prometi governar de acordo com os principios. Hoje, tenho o prazer e a alegria de dizer que em breve vou para casa gosar o socego de que tanto careço.

Depois, num repto:

—Eu estou pronto a dar explicações dos meus actos a quem quer que mos peça. As contribuições não tem sido cobradas por não poderem ser nomeados os funcionarios necessarios para esse serviço.

Outra passagem do discursc do ministro:

—Que querem os revolucionarios? Eles que me venham dizer que não tenho sido radical! Para que querem os radicais uma revolução? Para subirem mais os preços dos generos? Guardem os movimentos fortes para quando vejam Sidonios ou para quando seja necessario fazer frente aos inimigos da Republica!

Assim falou este antigo e comprido monarquico, muito admirado de o terem por desconhecido. É que quando «se trata de fazer frente aos inimigos da republica» chama-se só Queiroz Guedes. Vaz é muito parecido com Vaes e s. ex.^a prefere o Vão, já como verbo já como adjectivo.

O Parlamento e a sua materia prima no ano XIII da Republica Portuguesa

Rectificações á vista de depoimentos

O prometido é devido. Começam a aparecer as rectificações á lista dos deputados e senadores, publicada no ultimo numero dos *Fantoches*. Curiosas são as anedoctas que acompanham os nomes de cada um a que os nossos correspondentes se referem, não sendo das menos interessantes a inserta no brilhante *Diario de Lisboa* ácerca do deputado sr. Amadeu Leite de Vasconcelos, que foi tratado como recém-vindo para a politica, quando, no fundo, iniciou a sua carreira como republicano, passando a monarchico e logo a republicano, numa vertigem entontecedora, tendente á ligação com quem domina. Eis os termos graciosos em que o nosso colega da noite narra essa vertigem cujo testemunho, vindo de quem vem, merece acolho não porque chamássemos republicano historico ao deputado em questão, mas porque o qualificamos de recém-vindo e... o prometido é devido.

AGUAS PASSADAS...

HISTORIA SOBRE OS EX-MONARQUICOS QUE ROCHA MARTINS DESCOBRIU NO PARLAMENTO

No seu panfleto *Fantoches*, o nosso colega do ABC, sr. Rocha Martins, publica uma extensa lista, em que os actuais membros do parlamento figuram por ordem alfabetica, sendo os seus nomes aditados pela filiação politica que tinham anteriormente á implantação da Republica. Avisa, prudentemente, da possibilidade de haver erros no seu trabalho. Um, encontrámo-lo nós, como se verifica pela historia seguinte, em boa fonte colhida.

Alguns anos antes da revolução republicana, o sr. Joaquim Ribeiro, actual ministro da Agricultura, era um garoto, frequentador do primeiro ano de direito na Universidade de Coimbra, e suportando resignado a inerente categoria de *bicho* na respectiva *republica*. Lá por dentro reservava-lhe o entusiasmo republicano que então se apossava da sua geração mas, na sua qualidade de *bicho*, não podia introduzir a sua colherada nas discussões que, sobre politica, se travavam á mesa da *republica*. E todo ele se impacientava, referendo iras lá por dentro, quando um quartanista, *talassinha* até á medula, convicto afirmava e com grande dose de razão:

— Estes republicanos da Academia são todos os mesmos. Muito inimigos do rei, suspirando pelo advento da Republica mas, ao alcançarem o quarto ano, passam-se com armas e bagagens para a Monarquia. Pudera! Pois ella é que tem os bons lugares...

O futuro algoz do pão politico sentia crescer-lhe lá por dentro uma antipatia pelo sceptico apreciador do republicanismo dos seus companheiros do Universidade. Mas calava-se — era *bicho!* A' sucapa, ia dando expansão ao jacobinismo, assistindo a quantas assembleias os republicanos celebravam na rainha do Mondego. De uma vez, até, assistiu regalado a um comicio em que os elementos da propaganda — o Alexandre Braga mais o Antonio José de Almeida, o Afonso Costa mais o João de Menezes — tinham dito coisas tremendas contra o regimen, emquanto a *municipal*, lá por baixo, olhava muito espantada para aqueles sujeitos, bem postos, a falarem muito alto como se estivessem zangados. No fim, ascendeu á tribuna, embuçado romanticamente na capa, deixando flutuar ao vento as fitas vermelhas de quintanista, um estudante tido e havido como jacobino esturrado. Que discurso!

No ano seguinte, quiz o acaso que á mesa da *republica* de novo se discutisse a ligeireza com que os estudantes, prestes a bacharelar-se, se escamoteavam para a banda dos realistas. O quintanista sceptico, então já no quinto ano, confirmava a doutrina com numerosos exemplos.

Joaquim Ribeiro, perdida a inferioridade de *bicho*, do primeiro para o segundo ano, tinha já direito a usar da palavra e protestou:

— Mas nem todos! Olha: aquele rapaz que o ano passado discursou naquele comicio...

Uma estridente gargalhada corta-lhe a palavra. E o quintanista, mal sofrendo o riso, berrou-lhe aos ouvidos:

— Tambem esse! E' agora governador civil do Teixeira de Sousa em X...

Após o temporal da ditadura de Pimenta de Castro e da revolução de 14 de Maio, Joaquim Ribeiro, que do parlamento subsequente fez parte, um dia, ao entrar no hemiciclo, olhando a maioria, quem descobre, comodamente sentado num dos seus *fauteuils*?

O quintanista do discurso comicial, que se evadira para o sr. Teixeira de Sousa!

Deste parlamento, tambem faz parte. E' o sr. Amadeu Leite de Vasconcelos, deputado democratico e que nos *Fantoches* é apontado como republicano historico... Daqui oferecemos ao sr. Rocha Martins, esta rectificação á sua lista.»

Garantem-nos tambem que eram monarchicos os srs. senadores Francisco Antonio Paula (chefe regenerador em Vila Velha de Rodam) e Joaquim Gil Matos.

Enquanto aos deputados afirmam-nos que eram monarchicos os srs.: Antonio Dias; Antonio Crispiniano da Fonseca; Maldonado de Freitas; Francisco Diniz Carvalho; João Vitorino Mealha; Joaquim Serafim de Barros; José Soares Novais de Medeiros (pertenceu á Camara Sidonista). Antonio Rezende foi sempre republicano.

Deste modo fica composto o quadro parlamentar até novas rectificações com que se procura fazer o balanço definitivo para a Historia e que será publicado limpo, autentico, após as novas emendas.

SENADORES: — Republicanos, 15; Ex-monarchicos, 34; Recem-vindos, 10; Monarchicos, 4.

DEPUTADOS: Republicanos, 51; Ex-monarchicos, 57; Recem-vindos, 42; Monarchicos, 6.

ACEITAM-SE RECLAMAÇÕES COM RECTIFICAÇÃO GARANTIDA

